



PODER

Após primeiro turno, PT senta no divã

Legenda precisa repensar a estratégia para os próximos anos, como já admitiu o próprio presidente Lula na semana passada

» JULIA PORTELA
» VICTOR CORREIA

O resultado do PT nas urnas no primeiro turno das eleições municipais, com crescimento no número de municípios e vereadores, foi celebrado pela legenda. Porém, frustrou quem esperava um avanço considerável da esquerda após a vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2022. Com 248 municípios, o PT está longe de atingir seu recorde de 630 prefeituras de 2012, após nove anos no comando do Executivo federal. Enquanto isso, ganham espaço as siglas de direita e as de centro-direita, que compõem a base do governo federal atualmente — em especial PSD, União Brasil, MDB, e PP.

Analistas ouvidos pelo **Correio** avaliam que a performance do PT no pleito do último dia 6 deixou a desejar. A sigla precisa repensar a estratégia para os próximos anos, como admitiu o próprio Lula na semana passada. O presidente terá de se aproximar mais das legendas de centro para manter a governabilidade e tentar se reeleger, ou emplacar um sucessor em 2026. O PT, por sua vez, atribuiu o avanço da direita e da centro-direita ao repasse de emendas parlamentares.

“Nós temos que rediscutir o papel do PT na disputa das eleições para as prefeituras. O PT, nessas eleições, 80% dos nossos prefeitos foram eleitos em cinco países (estados), todos eles do Nordeste. Nós tivemos uma boa participação no Rio Grande do Sul. Nós não tivemos uma boa participação em São Paulo; em Minas Gerais nós ganhamos nas duas cidades que a gente governa, Juiz de Fora e Contagem, que já governamos com duas mulheres”, disse Lula em entrevista à Rádio O Povo/CBN na sexta-feira.

No primeiro turno das eleições, o PT passou de 183 para 248 seu número de prefeituras, aumento de 35,5%. Disputará ainda o segundo turno em 13 cidades,

Ricardo Stucker/PR



Lula e Boulos acenam para militantes em São Paulo, na véspera das eleições. Saldo das urnas do último dia 6 deixou o PT com 248 prefeituras

sendo quatro capitais: Fortaleza (CE), Porto Alegre (RS), Cuiabá (MT) e Natal (RN). Além disso, a sigla elegeu 22 vice-prefeitos em alianças com 14 partidos. O número de vereadores, por sua vez, foi de 2.668 para 3.118, 16,8% a mais do que na votação passada.

Em nota, a Comissão Nacional do PT celebrou o resultado, e avaliou que a disputa foi influenciada pela cifra bilionária em emendas parlamentares destinada, em sua maioria, a partidos de centro-direita. “O resultado do primeiro turno de 2024 aponta o início da recuperação eleitoral do PT nos municípios, num cenário que mais uma vez favoreceu a eleição ou reeleição

de candidatos das legendas da centro-direita e direita dominantes no Congresso Nacional, com acesso a emendas parlamentares bilionárias e no comando das máquinas públicas municipais”, diz o texto, citando o índice de 80% de reeleição.

Porém, o vice-líder do governo na Câmara, Reginaldo Lopes (PT-MG), demonstrou, ontem, desapontamento com o resultado do partido no primeiro turno. “A performance decepcionante do partido do presidente mais icônico da história do Brasil expõe nossa desconexão com a realidade. O mundo mudou, e novas demandas surgiram. Precisamos nos reinventar

para conectar com a juventude, trabalhadores urbanos e rurais, mulheres e empreendedores que movem a economia. Sem isso, estamos condenados ao fracasso”, escreveu em suas redes sociais.

A presidente do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), por sua vez, afirmou que o desempenho do PT ficou dentro das expectativas. “Vamos lembrar aqui que o ápice do nosso número de prefeituras foi em 2012, que nós elegemos 630 prefeitos. Depois, em 2016, caímos para 252, quando começou o nosso calvário, com o impeachment da Dilma, Lava Jato, a desconstrução do PT, que foi muito difícil. Em 2020, a gente fez 183. Agora, a gente fez 248

e ainda estamos disputando em segundo turno”, destacou.

Paradigma

O cientista político Rodrigo Morais aponta que o PT deve buscar uma atualização interna. “Nessa era de ações políticas psicoativas, o paradigma para a conquista e manutenção do poder mudou drasticamente e o PT ainda não foi capaz de acompanhar estes novos fenômenos eleitorais, por não disporem das categorias científicas corretas que traduzam as camadas de expectativas inconscientes dos eleitores e solucionem os formatos de utilização das novas ferramentas

disponíveis”, disse. “Além disso, o governo tem mínima margem de ação, na medida em que sobrevive pressionado por forças geopolíticas externas no contexto de uma guerra comercial de natureza híbrida e cerceado internamente por um Congresso com um poder de execução orçamentária nunca antes visto”, destacou.

Para o professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e doutor em ciência política Sérgio Praça o resultado do PT nas urnas “não foi um desastre, mas foi bastante ruim”, considerando que é uma legenda com a Presidência da República e, historicamente, organizada. Ele lembrou que, no caso da corrida pela Prefeitura de São Paulo, onde o partido apoia a candidatura de Guilherme Boulos (PSol), o efeito do apoio de Lula não teve o impacto esperado e o psolista quase não conseguiu ir para o segundo turno.

Em sua visão, para se reeleger em 2026 ou emplacar um sucessor, Lula terá que se aproximar ainda mais do Centrão, como PSD, MDB e União Brasil, que registraram grande crescimento nas prefeituras. “Os cargos de confiança no governo federal, por exemplo, estão muito concentrados no PT. Ele terá que distribuir mais e também ganhar algum tipo de controle sobre as emendas orçamentárias. Sem isso, será difícil sua reeleição”, afirmou.

Para o coordenador de estados e municípios da BMJ Consultores Associados, Aryell Calmon, as visões negativas do desempenho do PT estão relacionadas a uma expectativa muito grande sobre o papel de Lula no pleito. “A verdade é que as duas coisas não estão relacionadas. A imagem do Lula é muito maior do que a do próprio partido”, comentou o sociólogo. Calmon atribuiu o avanço do PT em algumas prefeituras ao uso da máquina pública por Lula, com investimentos em alguns municípios estratégicos.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Luzias, saquaremas e camaleões na política brasileira

Um bom programa para um fim de semana com cara de poucos amigos é assistir ao clássico do cinema italiano *O Leopardo* (1963), estrelado por Burt Lancaster, Claudia Cardinale e Alain Delon, do diretor italiano Luchino Visconti (1906-1976). Com base na obra do siciliano Giuseppe Tomasi di Lampedusa (1896-1957), o filme retrata a decadência da aristocracia agrária da Sicília, no contexto da Segunda Guerra da Independência e Unificação da Itália (1859-1860), e está disponível na Netflix.

Ao resgatar memórias pessoais e seu idealizado e nostálgico passado aristocrático, Lampedusa expressa um ponto de vista conservador sobre o Risorgimento. Em 1860, Garibaldi luta no movimento de unificação da Itália. D. Fabrizio (Burt Lancaster) é um aristocrata que tenta manter o antigo modo de vida, apesar dos tempos de mudança. Para ele, a ascensão da burguesia é uma ameaça. Contudo, numa

manobra astuta, combina o casamento do seu sobrinho Tancredi (Alain Delon) com Angélica (Claudia Cardinale), filha de um rico e influente administrador de propriedades. Fiel a seus valores, D. Fabrizio afirma: “A não ser que nos salvemos, dando-nos as mãos agora, eles nos submetem à República. Para que as coisas permaneçam iguais, é preciso que tudo mude”.

Certas coisas no Brasil também mudam para continuar como estão. “Não há mais nada parecido com um saquarema do que um luzia no poder”, carimbou o político pernambucano Antônio Cavalcanti de Paula Holanda Cavalcanti de Albuquerque ao definir a política partidária da elite brasileira no Segundo Reinado. Referia-se à atuação dos partidos Liberal (luzias) e Conservador (saquaremas) durante o Segundo Reinado. Saquarema é o nome do município fluminense onde o Visconde de Itaboraí tinha uma fazenda. Ali o

grupo conservador se reunia com frequência. Luzia era uma referência à pequena cidade mineira de Santa Luzia, onde ocorreu a maior derrota dos liberais nas revoltas de 1842.

Saquaremas e luzias tinham a mesma origem social e muitos interesses comuns. Após o Golpe da Maioridade (1940), Dom Pedro II resolveu mediar as disputas entre ambos e exercer seu poder moderador. Em 1853, essa política atingiu seu auge, com a formação do “Ministério da Conciliação”, liderado por Honório Carneiro Leão, o Marquês de Paraná, que contou com a participação de conservadores e liberais, ainda que se digladiassem nas províncias. Esse ministério deu estabilidade política ao país e possibilitou avanços institucionais que seriam impossíveis num ambiente de ferrenha disputa pelo poder, mas também serviu para prolongar no tempo o regime de trabalho escravo.

Os saquaremas defendiam a

centralização do poder; os luzias pregavam a monarquia federativa, opondo-se ao Poder Moderador e ao Senado vitalício, dominado pelos conservadores. Saquaremas dominaram o Segundo Reinado; luzias, a República Velha. Seus líderes pensaram o Brasil, em debates parlamentares, artigos de jornal, livros, brochuras, panfletos: Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Campos Salles, Alberto Torres, para citar alguns. O centro do debate era o papel do Estado no desenvolvimento e sua relação com a sociedade.

Metamorfose

Na história das nossas ideias políticas, centralização do poder (autoritarismo) e descentralização (liberalismo) são um tema central: idealistas orgânicos e idealistas utópicos; tradição ibérica/estamento burocrático versus liberalismo irrealizado; autoritarismo instrumental ou liberalismo doutrinário; iberistas

e americanistas; idealistas orgânicos e idealistas constitucionais. E os camaleões?

São répteis da família Chamaeleonidae e incluem cerca de 195 espécies. Algumas são tão pequenas que medem apenas um centímetro, enquanto outras podem medir até 60cm. Cada espécie de camaleão tem suas cores e padrões. A mudança de cor é um meio de comunicação e não apenas de camuflagem. Gostam de viver em cima de árvores e ficam parados esperando suas presas, com sua grande língua protrátil e pegajosa, que pode atingir um metro de distância. Seus olhos movem-se de maneira independente, num ângulo de até 180 graus. Qualquer semelhança com os políticos transformistas do nosso Congresso, de todos os matizes, é mera coincidência.

No Brasil, hoje, não existe um projeto de modernização capaz de forjar um novo consenso político nacional e incorporar a grande massa da população. Estamos

entre os modelos ultrapassados do neoliberalismo e do nacional desenvolvimentismo, a dicotomia que dramatizou a história recente da Argentina. A massa crítica intelectual e empresarial para formular essa alternativa foi alijada da política. A maioria dos parlamentares dedica-se à “transa” política, já não se orienta pelo bem comum, mas pelos negócios. Tem narrativas voltadas para suas bolhas nas redes sociais.

Mas, como sempre, nem tudo está perdido. As instituições democráticas são robustas. As eleições são livres e respeitadas. Nas disputas municipais, a polarização extremada foi derrotada. Os partidos de centro, pragmáticos, saíram fortalecidos. E o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, supostamente enfraquecido, também já disse que é uma “metamorfose ambulante”. O Centrão também tem seu valor para a sociedade. A velha “política de conciliação” manda um abraço.